



Revista Digital do LAV

E-ISSN: 1983-7348

revistadigitaldolav@ufts.m.br

Universidade Federal de Santa Maria

Brasil

da Silva Paz, Thais Raquel

Educação das artes visuais: corpo, subjetividades e diferenças na perspectiva da fotografia

Revista Digital do LAV, vol. 3, núm. 4, marzo, 2010

Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337027036003>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Educação das artes visuais: corpo, subjetividades e diferenças na perspectiva da fotografia¹

Thais Raquel da Silva Paz²

Resumo

Este artigo trata da abordagem de questões sobre corpo e subjetividades do educando através da linguagem da fotografia no ensino de arte na escola. Partindo da idéia de que a fotografia tem uma presença habitual na vida das pessoas, seja em um álbum de família, em jornais, em revistas ou em páginas e *blogs* pessoais que circulam pela internet, a pesquisa buscou mostrar outra perspectiva da fotografia como inserção na educação das artes visuais. E a partir dela, problematizar com os educandos a necessidade de refletir o que e como representamos para a sociedade na qual vivemos.

Palavras-chave

Educação das artes visuais, fotografia, corpo, subjetividade.

Abstract

This article deals with approach issues on body and subjectivity of educating through language of photography in teaching art in school. Starting from the idea that the photograph has a habitual presence in people's lives, is in an album of family, in newspapers, in journals or pages and personal blogs circulating the internet, the research sought show other perspective the photo as insertion education in the visual arts. And from it, problematize with students the need to reflect what and represent for the society in which we live.

Keywords

Visual arts education, photography, body, subjectivity.

Anseios e desafios

Lanier (2001) acredita que o forte conceito central que a educação das artes visuais necessita pode ser definido da seguinte maneira: ampliar o âmbito e a qualidade da experiência estética visual do educando. Ao iniciar a construção do meu projeto de estágio, procurei levar em consideração as experiências visuais dos educandos, objetivando construir assim conhecimentos em arte a partir dessas vivências. Portanto, este texto dá conta dos resultados parciais da pesquisa realizada com adolescentes do ensino médio, com idades entre 15 e 17 anos, no intuito de ampliar essa experiência visual, partindo do cotidiano e das subjetividades dos educandos, por meio da linguagem fotográfica.

A construção da subjetividade hoje é atravessada por um grande fluxo de imagens (televisão, cinema, computador, outdoors, encartes de propaganda, etc), e diariamente sujeitos relacionam-se com elas de alguma maneira. Considerando que esta variedade de informações visuais pode possibilitar aos educandos uma construção de sentidos sobre

¹ Pesquisa realizada na disciplina Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFSM/RS orientado pela Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira.

² Acadêmica do curso de graduação em Artes Visuais – Licenciatura Plena em Desenho e Plástica da UFSM/RS.

uma experiência comum, poderia provocar também uma reflexão crítica em relação a estas imagens cotidianas rendendo ainda muitos comentários acerca dos conteúdos em arte.

Neste sentido, a fotografia tem uma presença habitual na vida das pessoas, seja em álbuns de família, em jornais, em revistas, ou em páginas e *blogs* pessoais que circulam pela *internet*, além de todas as outras formas citadas anteriormente. Crianças, adolescentes e adultos, normalmente já tiveram algum contato com a fotografia, o que se pretende é mostrar outro olhar para a mesma na educação das artes visuais. E a partir dela, problematizar com o educando a necessidade de refletir o que representamos para a sociedade na qual vivemos, pensando como o nosso corpo se apresenta diante de diversas situações, e os significados que a nossa subjetividade adquire no dia-a-dia.

A fotografia e sua relação com a educação das artes visuais

A fotografia, assim como a xilogravura e outras variações da gravura, é uma forma de impressão que depende de processos mecânicos. Porém, ao contrário dessas outras linguagens, a fotografia foi por longo tempo desprezada como um simples produto de uma nova tecnologia, onde ela seria apenas um pouco mais que um artifício capaz de fazer registros/documentar. Mas de acordo com as mudanças ocorridas quanto à definição e a compreensão da arte, a fotografia passa a ser considerada como mais uma linguagem (como a pintura, o desenho, etc.) utilizada para fazer arte. Sendo entendido finalmente que “o caráter artístico de uma obra não se dá pelo meio escolhido pelo artista para concretizá-lo” (CHIARELLI, 2002, p.146), o que importa é o sentido que o artista quis dar à sua proposta e o meio escolhido para apresentá-la.

A fotografia, desde seu início no Brasil, serviu como registro da paisagem física e humana, mas também impulsionou certos artistas a realizar uma imersão na busca do autoconhecimento como indivíduos sociais. “Para eles, a fotografia não foi um meio para conhecer o mundo, mas um instrumento para conhecer-se e conhecer o outro no mundo” (CHIARELLI, 2002, p.115). Dessa forma, a fotografia dificilmente resulta em uma reprodução completamente fiel da realidade, pois a câmara pode alterar as aparências e reinterpretar o mundo à nossa volta, fazendo com que o vejamos por outro enquadramento.

O uso da tecnologia em arte não acontece somente em nossos dias, pois em todos os tempos ela sempre se valeu, para seus propósitos, das inovações tecnológicas. Muitas vezes, a própria arte impulsionou o aparecimento delas, pois através da preocupação

estética com a imagem e o design, surgiu uma diversidade de programas para seu tratamento e aprimoramento. "Cabe a nós avaliar agora o imenso impacto da fotografia, a maneira como impregnou nossas sensibilidades sem que o percebêssemos realmente" (KRAUSS, 2002, p.22).

Na escola, o uso de tecnologias acontece com algum atraso em relação ao seu aparecimento, e o professor muitas vezes faz uso desses instrumentos tecnológicos de forma equivocada, deixando os educandos à mercê desses instrumentos e programas, em vez de utilizá-los como auxílio para os objetivos pretendidos. A preocupação com a aprendizagem de conhecimentos em arte deve estar presente tanto quando se trabalha com meios tradicionais, quanto quando se trabalha com recursos tecnológicos.

Com a câmera (digital ou analógica) o educando pode experimentar a composição, a luz, e as cores, depois disso, pode passar para o computador e "brincar" com a imagem em programas específicos para isso. Além disso, o educando pode simplesmente imprimir a imagem tal como foi capturada e intervir posteriormente, fazendo montagens, colorindo, recriando objetos, e até mesmo produzindo vídeos.

Acredito que a educação das artes visuais deve enfatizar igualmente tanto a vivência do processo quanto o aprendizado, o fazer artístico e a construção cultural. E o uso de novas tecnologias possibilita aos educandos desenvolver sua capacidade de pensar e fazer arte nos dias de hoje, utilizando-se de tecnologias que fazem parte de seu contexto, e que abrem um "leque" de possibilidades para o conhecimento e expressão da arte.

A experiência da fotografia na educação das artes visuais instiga o educando a ter um olhar mais atento ao enquadramento, à estética e à composição, como também a ter sensibilidade para a escolha da imagem que obteve um melhor resultado de acordo com seu objetivo. E além dessa experiência de composição e reflexão sobre um enquadramento que valorize o trabalho, o educando pode pesquisar como a fotografia funcionava nos seus primórdios, e conhecer técnicas para a sua prática, utilizando-se de temas que tenham relações diretas ou indiretas com seu corpo e subjetividade. Dessa forma, o educando poderá olhar para si mesmo e para a fotografia como forma de expressão artística, pensando qual o seu lugar no mundo real, desidealizado e banal.

A subjetividade na construção de um trabalho artístico

O conceito da auto-imagem acompanha a busca humana de registrar sua passagem pela vida desde o período pré-histórico, onde o homem deixava marcas de suas mãos nas paredes das cavernas. E a partir do Renascimento, o ser humano passa a ser o grande foco das preocupações da vida e do imaginário dos artistas.

Ao trabalhar com suas identidades, seu corpo e até mesmo o corpo de outras pessoas, o artista tem a possibilidade de se expressar e expressar o outro, numa tentativa de interpretação e comunicação de suas características físicas e seu interior emocional. A forma como representamos o corpo, sob o olhar do outro que nos vê, traduz nossas maneiras de ser/estar no mundo, como se o corpo não fosse nada sem o indivíduo que o habita. “A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar” (GOFFMAN, 1985, p.11).

No dia-a-dia, o estético pode ter ligação direta com o corpo do indivíduo, com a maneira dele aparecer, de se vestir, de se movimentar, como se o corpo fosse aquilo que estabelecesse a estética das relações entre o sujeito e o mundo. Jeudy (2002) diz que a idealização estética do corpo se traduz no simples ato de tirar uma quantidade extraordinária de fotografias da mesma pessoa em movimentos diferenciados, que dependerão da sua preocupação com a idealização da beleza corporal.

A arte do século XX, com a crise da modernidade, passa a olhar a experiência do sujeito com outros olhos. Sua condição física de “estar no mundo” assume uma nova evidência. O corpo passa a adquirir um lugar destacado nestes novos posicionamentos, e “a arte moderna ensaia com uma multiplicidade de corpos: o corpo degradado, impossível, o corpo-dinâmico, participante, até chegar às práticas estéticas mutantes, pós-humanas, incertas, da pós-modernidade” (FARINA, 2006, p.1). O interior do corpo emerge a superfície tanto nos meios de comunicação como na arte, e tem sua plasticidade evidenciada.

Quando percebemos nosso corpo e nossas identidades, construímos símbolos e significados que os representam perante a sociedade. Esse corpo é significado, representado e interpretado culturalmente, pois as marcas ou a ausência delas nele determinam a diferença e identidade de cada sujeito. Segundo Silva (2000) a identidade é marcada por meio de símbolos, que representam uma determinada cultura e que ao mesmo tempo a difere das demais. As identidades nada mais são que uma condição

alcançada pelas distinções dela com as demais. Elas existem pela negação de que não existe qualquer similaridade com os demais grupos.

Os processos de percepção se interligam com os próprios processos de criação. O ser humano é por natureza um ser criativo. No ato de perceber, ele tenta interpretar e, nesse interpretar, já começa a criar. Não existe um momento de compreensão que não seja ao mesmo tempo criação, (NOVAES, 1988, p.167).

Dessa forma, ao instigar os educandos a pensar sobre suas subjetividades, propus a realização de trabalhos artísticos em desenho e fotografia buscando símbolos/signos que pudessem representar um pouco do que era importante para eles, tentando dizer isso aos demais de forma visual (figuras 01 e 02). Assim, o olhar que temos sobre nossa maneira de ver e viver as coisas, e a forma como narramos e representamos tudo isso configura nossa experiência visual.



Figura 01. Trabalho sobre identidade com a utilização de objeto pessoal.
Fonte: Diário Visual da pesquisadora

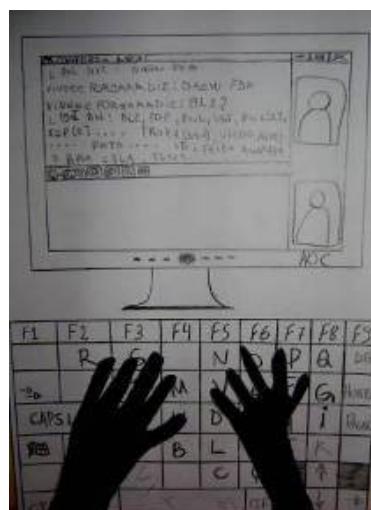


Figura 02. Desenho com representação visual sobre a subjetividade do educando.
Fonte: Diário Visual da Pesquisadora.

O cotidiano como vivência na educação das artes visuais

A presença das imagens no cotidiano trouxe consigo problemáticas, não só para a cultura, mas especialmente para a educação. Em função dos novos meios de comunicação e da informática, a educação assume novas feições, realizando-se em outros espaços, revelando-se sob novas alternativas culturais para além da escola, “no cotidiano, o estético é primordial. Ele é que sustenta o jogo das aparências, os usos e costumes, as paixões, os afetos, os vínculos, o desejo coletivo” (MAFFESOLI *apud* MEIRA, 2001, p. 127).

O fazer, os saberes, os símbolos e a interação dos indivíduos é que produzem cultura. Mas eles dependem do saber e modos de ver para que haja maior consciência sobre as experiências. Devemos considerar o que é necessário para que a experiência visual seja, ao mesmo tempo, pensamento sobre a arte e também sobre a vida.

Para que a arte se traduza em valores humanos, ela precisa ser contextualizada na vida dos educandos, tornar-se mediadora entre o imaginário do educando e o imaginário social, como algo inserido na sua cultura, na sua vida. Somente com a mediação estética (relação entre teoria e prática) que a conexão entre os conhecimentos que se originam do fazer artístico e os que se originam do mundo da arte ficam mais bem articulados.

Nossa formação estética e visual se dá através da variedade de imagens, performances e discursos que a sustentam, e que habitam nosso cotidiano. Para Lanier (2001, p.46), a experiência estética visual já é desfrutada pelo sujeito antes mesmo que ele entre para a escola. Dessa forma, devemos ressaltar o que já existe no educando, e não só tentar introduzir algo que ele mal conhece, ou ainda nem tem interesse. O desafio do meu projeto foi tentar fazer com que a arte deixasse de ser apenas uma disciplina qualquer e se incorporasse à vida dos educandos, que os fizesse buscar a presença da arte como necessidade e um prazer, como interpretação ou como produção, porque em ambas, a arte promove a experiência crítica e criadora. E nesse projeto, decidi investir na fotografia por acreditar que os educandos já possuem alguma intimidade com a linguagem, pois com o fácil acesso à câmera digital atualmente, a fotografia torna-se mais presente no dia-a-dia das pessoas (figuras 03 e 04).

A forma como essas imagens cotidianas nos afetam e como reagimos a ela, narrando e interpretando o nosso dia-a-dia de sensações, irá configurar a nossa experiência estética visual; que deve incluir hoje, algo além da pintura e da escultura, mas também, o artesanato, a arte popular, a mídia eletrônica e o meio natural, que não são a arte dos museus, mas que podem proporcionar o mesmo tipo de prazer visual.



Figura 03. Trabalho realizado na primeira aula, a partir do que os educandos entendem inicialmente como fotografia artística, utilizando uma sinédoque³ do corpo.

Fonte: Diário Visual da Pesquisadora.



Figura 04. Trabalho realizado na primeira aula, a partir do que os educandos entendem inicialmente como fotografia artística, utilizando uma sinédoque do corpo.

Fonte: Diário Visual da Pesquisadora.

Tessitura entre projeto e alguns resultados alcançados

Em meu projeto de estágio "Corpo, subjetividades e diferenças na perspectiva da fotografia para a educação das artes visuais", a cultura visual foi abordada indiretamente, pois ela não surgiu da necessidade primeira de utilizá-la em minha pesquisa, mas sim da necessidade de contextualizar o ver e fazer arte através da linguagem fotográfica. Como ela poderia dialogar com a teoria contemporânea, e meu anseio foi realizar um trabalho que promovesse discussões atuais para a sala de aula, tratando de questões contemporâneas da arte e da vida, assim, a cultura visual surgiu quase como consequência. A temática abordada em meu estágio surgiu de questionamentos e indagações pessoais também relacionadas à cultura visual, como a

³ Dicionário Michaelis: Sinédoque – Gram. Figura de estilo baseada na relação da compreensão. No texto utilizei-a para expressar a parte ao invés do todo.

compreensão crítica da imagem, a reflexão do indivíduo sobre sua presença no mundo, na intenção de possibilitar ao educando refletir sobre suas subjetividades, e experimentar falar sobre essas relações pessoais através do discutir e fazer arte, especialmente através da fotografia. “La cultura visual no es, por tanto, algo especial, sino algo que todos poseemos y practicamos en todo momento” (HERNÁNDEZ, 2006, p.8).

Parti da idéia de que a fotografia possui uma presença habitual na vida das pessoas, e ao trabalhar dessa forma passei a considerar também que esta variedade de informações visuais poderia carregar junto com elas um discurso poético/conceitual, que suscitaria comentários e reflexões em torno dos conteúdos em arte. No desenvolvimento do projeto me propus a estabelecer relações entre a fotografia e o cotidiano dos educandos, falando, comparando e questionando-os sobre as fotografias realizadas em aula, as dos artistas que apresentei à eles e aquelas que eles fazem para colocar em *orkuts* e *blogs* na *internet*. Concordo com Almeida (2001) quando ela diz que os conteúdos de arte desenvolvidos na escola devem buscar a formação do sujeito em sintonia com o seu tempo, para isso em meu estágio propus aos educandos uma reflexão e um fazer artístico partindo de uma linguagem e de um assunto abordado por eles de forma cotidiana.

No decorrer das aulas, pude perceber que os educandos pouco conhecem sobre arte contemporânea. Eles reconhecem o desenho, a pintura e a escultura como linguagens das artes visuais, mas não conseguem relacionar a fotografia, e as novas linguagens contemporâneas ao campo da arte. Em uma das aulas em que trabalhei a fotografia nas artes visuais, mostrei imagens de obras de artistas que utilizam a fotografia como linguagem, e perguntei em que momento eles consideravam uma fotografia como arte, e aqueles que responderam disseram que ela só seria arte quando fosse espontânea, então apresentei Cindy Sherman, que produz fotografias encenadas, onde ela se maquia, se auto-dirige e se auto-fotografa. Mas mesmo assim, nas aulas posteriores, quando questionados sobre a legitimização da fotografia como arte continuei a ouvir as mesmas respostas. Acredito que a espontaneidade mencionada pelos educandos possui relação com o ato intuitivo, ao “dom cabível aos grandes gênios”. Mesmo na contemporaneidade, o mito de que existe o dom, que só os “gênios” possuem, ainda permanece mesmo que inconscientemente.

Nossa formação estética visual se dá através da variedade de imagens, performances e discursos que a sustentam, e que habitam nosso cotidiano. Dessa forma, foi possível realizar durante a aplicação do meu projeto de estágio, de acordo com os estudos da cultura visual, a proposta de “modos de ver” imagens, discursiva e escrita, através de

trabalhos de artistas e os realizados pelos próprios educandos. Quando solicitados a responder à questão: o que esta imagem diz de mim, alguns educandos sentiram-se intimidados, outros não conseguiram realizar uma interpretação pessoal, pois ainda sentiam a necessidade de falar sobre o que a imagem mostrava, ou o que o artista poderia estar querendo dizer. Mas na maioria, a partir de meus questionamentos, as imagens suscitararam respostas muito interessantes, onde eles relacionaram a reprodução da imagem com o que ela representa no contexto deles. Dessa forma, refletiram sobre o corpo, a idealização estética, a vaidade, a alimentação, padrões da sociedade, o preconceito, etc.

Nos trabalhos artísticos foram realizados desde desenhos, fotografia digital (figuras 05 e 06) até a construção de câmeras escuras, onde os educandos se mostraram participativos e reflexivos, pois responderam às questões propostas de forma bastante contextualizada. Estabeleceram relações entre a câmera digital e a câmera escura, e procuraram entender o princípio delas. Segundo Pimentel (2003) o uso de mais de um meio pode gerar imagens muito interessantes e significativas, levando o educando a elaborar seu pensamento artístico e a trabalhar com ele de forma consistente. Dessa forma, é importante pensar que o uso da tecnologia em arte, de forma única, não garante o desenvolvimento de um pensamento crítico ou a construção de conhecimentos em arte. Conhecer esses meios e as possibilidades que nos oferecem é essencial, mas é necessário ir também além da simples aplicação dessas tecnologias. Assim, tentei abordar em meu estágio a fotografia através de outras propostas e linguagens (figuras 07 e 08), pois senti a necessidade de não ficar restrita à fotografia digital. Para que os educandos pudessem construir um entendimento sobre a fotografia como uma linguagem das artes visuais, utilizei de propostas que instigassem a reflexão sobre arte contemporânea, corpo, subjetividade e fotografia.



Figura 05. Fotografia digital com a temática: Tenho amigos.
Fonte: Diário Visual da Pesquisadora.



Figura 06. Fotografia digital com a temática: Tenho amigos.
Fonte: Diário Visual da Pesquisadora.

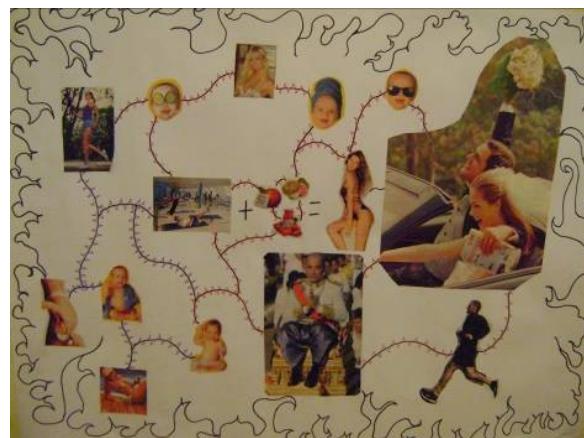


Figura 07. Trabalho artístico realizado pelos educandos utilizando a mistura de colagem, desenho e outros materiais com a temática: Qual o corpo que está na moda hoje?
Fonte: Diário Visual da Pesquisadora.



Figura 08. Trabalho artístico realizado pelos educandos utilizando a mistura de colagem, desenho e outros materiais com a temática: Qual o corpo que está na moda hoje?

Fonte: Diário Visual da Pesquisadora.

Referências

ALMEIDA, Cláudia Zamboni de. As relações arte/tecnologia no ensino da arte. In: PILLAR, Analice Dutra (org). **A educação do olhar no ensino das artes.** 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2001. pp. 71-84.

CHIARELLI, Tadeu. **Arte internacional brasileira.** 2ª ed. São Paulo: Lemos-Editorial, 2002. 311 p.

FARINA, Cynthia. **Arte, Corpo e Subjetividade:** Experiência Estética e Pedagogia. Revista Digital Art&. Ano IV, 2006, No. 05. Disponível em: <http://www.revista.art.br/site-numero-05/apresentacao.html> Acessado em: 27 de maio de 2008. 9 p.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Editora Vozes, 1985. 233 p.

HERNÁNDEZ, Fernando. La construcción permanente de un campo no disciplinar. **La Puerta**, Publicación de Arte y Diseño, 2, 2006. pp. 87-97.

JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como objeto de arte.** São Paulo: Estação Liberdade, 2002. 184 p.

KRAUSS, Rosalind. **O fotográfico.** Tradução: Anne Marie Davée. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2002. 239 p.

LANIER, Vincent (1984). Devolvendo arte à arte-educação. In: BARBOSA, Ana Mae (org). **Arte-Educação:** Leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 2001. pp. 42-55.

MEIRA, Marly Ribeiro. Educação estética, arte e cultura do cotidiano. In: PILLAR, Analice Dutra (Org). **A educação do olhar no ensino das artes.** 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2001. p.119-140.

NOVAES, Adauto. **O Olhar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 495 p.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Tecnologias Contemporâneas e o Ensino da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org). **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. pp. 113-121.

SILVA; Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 136 p.